



## Telejornalismo brasileiro negro pelo menos uma vez: o jogo das identidades

Heidy Vargas<sup>1</sup>.

ESPM-SP

### Resumo:

O presente artigo procura preliminarmente debater a presença do negro no telejornalismo tendo como produto de análise uma edição especial única que reuniu seis jornalistas negros no programa *Em Pauta*, no canal à cabo *Globo News*, no dia 3 de junho de 2020, para comentar os protestos antirracistas diante da morte do americano Georg Floyd. A proposta foi analisar o programa especial e destacar as representações positivas nesta produção cultural significativa.

**Palavras-chave:** Negro; telejornalismo; identidade; representação.

### 1. Introdução

A imagem da morte de Georg Floyd, um homem negro de 46 anos que foi sufocado por mais de 8 minutos e 45 segundos no chão por um policial branco ajoelhado em seu pescoço, foi o estopim para uma onda de protestos nos Estados Unidos e em todo o mundo. O crime ocorreu dia 25 de maio de 2020 e escancarou um problema vivido globalmente: o racismo. A cena gravada por uma testemunha percorreu as redes sociais e mobilizou passeatas e atos antirracismo nas principais capitais do mundo, principalmente na Europa. No Brasil, passeatas estouraram nas ruas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na capital paulista, o movimento lembrou as mortes da vereadora e socióloga carioca, Marielle Franco; do menino Miguel, de 5 anos, que caiu do nono andar de um prédio

---

<sup>1</sup> Heidy Vargas, professora de Telejornalismo e Documentário na ESPM-SP e doutoranda em Comunicação e Práticas do Consumo no PPGCOM, da ESPM-SP. E-mail: heidyvargas414@gmail.com

no Recife; e de João Pedro, morto por uma bala perdida em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, só para citar os acontecimentos mais recentes.

Estes fatos acima citados mobilizaram a sociedade e a mídia. O canal a cabo *Globo News* dedicou horas de transmissão para reportar e debater as manifestações antirracismo ao vivo com repórteres em todo o mundo. Porém, no dia 2 de junho, o programa *Em Pauta*, que vai ao ar diariamente às 20h50, recebeu uma crítica na rede social Twitter de um telespectador (Figura 1) dizendo “Rapaziada... a pauta é racismo...”, a frase destaca o fato da emissora debater as manifestações antirracismo com seis comentaristas e um apresentador, todos brancos. Em resposta, no dia seguinte, a Rede Globo “entendeu o recado” e o apresentador Marcelo Cosme fez uma correção, diante do Twitter enviado fariam o programa do dia somente com negros, uma edição especial. No estúdio estavam presentes o jornalista Heraldo Pereira e nos comentários as jornalistas Aline Midlej, Flávia Oliveira, Maria Júlia Coutinho, Lilian Ribeiro e Zileide Silva (Figura 2). Momentaneamente, o contexto das manifestações e o impacto das redes sociais tensionaram mudanças como a alteração do apresentador e dos comentaristas fixos do programa, mas também provocaram outras trocas significativas. A primeira é que a partir daquele dia Zileide Silva e Flávia Oliveira, duas mulheres negras, participariam como comentaristas fixas do programa em questão. A outra mudança foi que a jornalista Aline Midlej assumiu a bancada do programa *Em Pauta* temporariamente.



Figura 1: Um dos twittes publicados sobre o programa no dia 2 de junho.



Figura 2: No dia seguinte, 3 de junho, os jornalistas negros comentam sobre as manifestações antirracismo.

Apenas por vivermos em uma sociedade midiaticizada, ou seja, que tem a tecnologia permeando diversos campos sociais e transformando a vida dos indivíduos é que o artigo tem como objetivo perceber como a rede social deu visibilidade ao tema racismo e sensibilizou a mídia tradicional reunindo quase todos os jornalistas de afrodescendentes do jornalismo da Rede Globo em um único programa. O objetivo secundário é diagnosticar a importância de ações, que mudam o padrão-estético vigente (presença do jornalista branco em posição de destaque na bancada) para a construção de uma identidade diversa. Desta forma, o presente trabalho vai observar preliminarmente o programa jornalístico especial *Em Pauta*, feito exclusivamente por negros, como sendo uma produção cultural com suas interpenetrações diante da linguagem visual, das escolhas cênicas e estéticas, que surge frente a tensões sociais, brechas e reflete, em parte, um jogo de identidades fomentando a representação dentro do universo afrodescendente. Os Estudos Culturais proporcionam uma mirada ampla composta por diferentes elementos como a relação do sujeito, instituições, tecnologia, produtos, além de consumo, circulação, produção e recepção. Quando pensamos o jornalismo como um processo comunicativo deve-se entender que é constituído das instâncias da produção e da recepção e o que interessa nas análises é a produção de sentido.

A hipótese levantada por esta autora é que programas como este reforçam positivamente a identidade negra e que somente surgem num contexto amplo de mudanças e deslocamentos da sociedade, que abalam os quadros de referência. Estas mudanças são necessárias tendo em vista que os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa divulgada em 2019, indicam que 56% da população se disse ser negra ou parda no Brasil, ou seja, a maioria é descendente de negros. No Jornalismo o cenário não é dos mais animadores, uma pesquisa feita por Bergamo, Mick e Lima (2012, IX) aponta que apenas 23% dos jornalistas são negros ou pardos. Estes números dão um sinal de alerta para o fato de que a presença mais efetiva do negro no telejornalismo é urgente.

Diante dados relatados o trabalho está organizado em quatro partes, sendo que a primeira compreende o entendimento do papel social da mídia e do telejornalismo. A seguir, é apresentado o conceito de identidade, posterior trabalhamos com o conceito de racismo. Na quarta é colocado a análise do programa *Em Pauta*, feito exclusivamente por negros. O problema que desejamos preliminarmente debater é que apenas pela brecha histórica houve, pela primeira vez, a criação de um programa realizado apenas por negros no telejornalismo brasileiro.

### **O papel social da mídia e o telejornalismo**

A mídia possui um papel relevante na sociedade como agente produtora de discursos e contribui fortemente para a manutenção e construção de identidades, em que diferentes grupos sociais se reconhecem e se identificam. O jornalismo também contribui para esta produção de sentidos diante do fato de que é um importante balizador dos temas contemporâneos, tem sido responsável por fazer a história do cotidiano, por contar o fato do dia (BACCEGA, 1998).

Mas como contar uma história? Na estética e na temática dos programas televisivos há uma característica constante que é a “repetição no fluxo televisual”. Tal conceito é analisado por Ferreira (2001) como estabelecido desde a grade de programação das emissoras até as escolhas de perfis de repórteres. A ideia de fluxo diz respeito a uma peculiaridade do veículo que repete padrões como a uniformidade estética, os modelos

de programas, os personagens, os repórteres, os temas, signos e tal repetição impõe uma identidade. Segundo Soraya Ferreira:

Levamos em conta que a ideia de fluxo pode dizer respeito não somente ao comportamento dos programas dentro da programação da rede, como também considera o aspecto intertextual, isto é, inclui o programa no contexto da grade das outras emissoras. O mercado televisual, ao gerar a cópia e seus produtos, já o faz com uma marca, um selo de credibilidade, uma vez que se conta com a certeza da aceitação pelo público já habituado àquela estética, àquela narrativa. Com isso, a quebra de padrões na televisão acaba se tornando o padrão, que por sua vez vira cópia. Há um constante diálogo da televisão com ela mesma (FERREIRA, 2001).

Para Muniz Sodré, a televisão não é um reflexo do real mais sim um “real do reflexo” (1984, p. 60). Um espaço que é comandado à distância e visualizado à distância, trabalha com tempo e espaço alterados e com simulacros. A ideia é que a televisão é um espelho moderno, ou seja, o fenômeno da fascinação ocorre quando sabemos que se é visto com intensidade. Essa identificação é narcísica para o telespectador, um narcisismo social ou tecnonarcisismo. Esta identificação passa pelas vias do humano, do afetivo e extrai do outro a si mesmo, a sua melhor imagem de si mesmo. Esta identificação narcísica estimula a fascinação e desperta o convencimento e o desejo. Num mundo cada vez mais tecnológico e midiático, os discursos sociais desempenham um papel decisivo na reprodução do racismo e os meios de comunicação têm o poder de difundir expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais. A televisão nasceu pelas mãos da iniciativa privada e se desenvolveu como um bem público. Quem forma a opinião pública invariavelmente veio de família rica e compartilha visões de mundo políticas, econômicas e ideológicas que favoreça aos interesses da elite como aponta Sodré.

A mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento de povo como “público”, sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. O racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euramericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo (SODRÉ, 1999, p. 244).

Muniz Sodré (1999) defende que os meios de comunicação têm o poder de difundir pensamentos sobre as relações inter-raciais, mas quase sempre direcionam o

olhar para o universo elitista, legitimando sempre do ponto de vista branco e ampliando, desta forma, a desigualdade racial. Para Sodré (1999), a sociedade brasileira é norteadada por um paradigma branco e a clareza da pele continua sendo “a marca simbólica de uma superioridade imaginária atuante em estratégias de distinção social” (1999, p. 234).

Outro aspecto importante é a linguagem. Verifica-se que a linguagem, tanto verbal quanto a textual, utilizadas nas redações têm como estratégia narrativa a construção de um discurso objetivo, com ausência de sujeito, como se não houvesse nenhuma intermediação. A utilização do discurso “esvaziado” deixaria o texto ou a fala mais crível, isenta e universal, porém ao optar pelo discurso jornalístico neutro esconde-se todo o processo social para a escolha da notícia. Esta narrativa não é isenta, objetiva, esvaziada, pois o relato jornalístico é feito por um indivíduo/sujeito que é atravessado por um número incalculável de fatos e acontecimentos e assim a mediação é acompanhada de interesses político-sociais e vivências incalculáveis. Uma realidade mediada pela classe dominante que deseja controlar uma sociedade homogênea e esvaziar as lutas (BACCEGA, 1998).

A imagem que a mídia constrói da realidade está ancorada em uma atividade profissional mediadora entre o Estado e a sociedade, capaz de suscitar vigilância e mediar os fatos. Um jornalismo vigoroso é sinônimo de uma sociedade civil fortalecida. Os jornalistas fazem reenquadramentos das múltiplas realidades e contribuem para a construção da realidade e é uma forma de conhecimento do mundo. Destarte, o telejornalismo é considerado por Vizeu (2008), um lugar de referência e de conhecimento. Grande parte da sedução dos telejornais está no fato de a matéria prima deste trabalho ser a “realidade”, palavra que vem acompanhada de muitas mediações até que ela chegue à tela da televisão. A audiência presumida subentende que os jornalistas constroem muitas das suas pautas com base no que imagina que o telespectador deseja ver ou ouvir. Assim, ela apresenta a sua forma de ver a tal “realidade”.

Tais aspectos acima relatados sobre a importância social da mídia, a imposição de identidades, o fluxo de repetição das narrativas e das personagens, o poder de difundir discursos e a audiência presumida tem apontado para um telejornalismo que tende a repetir uma estética branca, um texto objetivo e esvaziado e com uma concepção homo-

gênea de sociedade que talvez não exista, pelo contrário, nela hoje há grupos com interesses diferentes e conflitantes.

A “brecha histórica” vivida em 2020 com as manifestações exigindo um novo posicionamento da sociedade frente ao racismo no mundo tem tensionado mudanças. Em um mundo midiaticado, à medida que diferentes experiências são compartilhadas globalmente elas ganham interconexões que impactaram toda a uma sociedade e como um todo e que ressignificam o presente. Para Stuart Hall (2019), as velhas identidades que por anos estabilizaram as relações sociais no mundo estão em declínio e se fragmentando, fazendo surgir novas identidades. As identidades modernas estariam sendo “descentradas” e provocariam uma mudança estrutural na sociedade moderna. Segundo Hall,

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia de um sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 2019, p. 10).

## **Identidade**

Os processos envolvidos na construção da identidade são complexos e o conceito é multifacetado, pois permite várias abordagens (étnica, geracional, gênero, nacional e outros). Partimos do princípio que a identidade é relacional, pois o que marca é a diferença, é a exclusão, é o não ser ou ser, ou como Kathryn Woodward alerta “é a tensão entre o essencialismo e o não essencialismo (2014, p.15).” Aprofundando o conceito de identidade e como ele é formado, Woodward elenca alguns importantes tópicos a serem observados: que a identidade envolve reivindicações de diferentes naturezas, que se dá na comparação com o outro, que está vinculada também a condições sociais e materiais, que não são motivações unificadas pois pode haver discrepâncias entre o entendimento coletivo e o individual e que se dá diante da identificação do outro (2014, p. 13-15).

A identidade é uma mirada que surge no bojo da modernidade, pois ao colocar o indivíduo em uma dinâmica social que preconiza a liberdade de escolha e os embates entre o eu e o nós ela tensiona e confronta os sujeitos a se olharem. A questão que surge agora é que diante da liberdade de escolha, dada por uma sociedade fluida, as alternativas teriam se multiplicado e podem-se assumir individualmente as responsabilidades de uma identidade, pois houve uma ruptura com a herança societal, que deixou de ter grande relevância como nas sociedades tradicionais (GIDDENS, 2009). Sendo assim, existem diversas categorias de preocupação com as diferentes identidades como as identidades nacionais, étnicas; ou no âmbito pessoal, com as identidades pessoais e sexual. Estas mudanças sinalizam que talvez possamos estar vivendo uma “crise de identidade”. Alguns autores acreditam que a crise de identidade é uma característica da modernidade tardia e que deve ser vista no contexto das transformações globais, uma das características da contemporaneidade (GIDDENS, 1990). Outros acreditam que as velhas estruturas colapsaram e com ela estado e comunidade cederam o lugar para a globalização cultural e econômica causando mudanças nos padrões de consumo e na própria produção (ROBINS, 1997). Em meio a este contexto sociocultural e econômico, os conflitos nacionais e étnicos parecem se sobrepor não apenas para recuperar a verdade do seu passado, mas como aponta Hall (2003) sobre o conceito de identidade, uma necessidade de reivindicá-la para reconstruir de um passado e um presente em transformação, ou seja, é uma questão de “tornar-se” e “ser”. Estas crenças sugerem que não é mais suficiente reduzir as identidades apenas a posição de classe, pois estas estruturas tradicionais estão em crise.

A política de identidade tem a ver com o recrutamento de sujeitos por meio do processo de formação de identidades. Esse processo se dá tanto pelo apelo às identidades hegemônicas – o consumidor soberano, cidadão patriótico – quanto pela resistência dos “novos movimentos sociais”, ao colocar em jogo identidades que não têm sido reconhecidas, que tem sido mantida fora da história (WOODWARD, 2014, p. 37).

Sendo assim, é necessário entender como elas as identidades são formadas assim como os processos de representação que, de certa forma, constroem os significados no universo do circuito da cultura (WOODWARD, 2014, p.17), pois a cultura tem moldado ao longo dos anos a identidade. Olhando de perto os sistemas de representação en-



tendemos que estes são dotados de prática de significação, que nos posicionam como sujeitos na sociedade. É diante destes significados que damos sentido as nossas experiências, a representação nos oferece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos norteiam as perguntas como: Quem somos? Quem devemos ser?

A mídia tem papel neste jogo de identidades modernas. Quase sempre ela está nos sinalizando qual posição eventualmente podemos ocupar na sociedade com representações de sujeitos como a mãe trabalhadora, o pai omissivo, o adolescente problemático. Desta forma, a produção cultural pode ter um papel decisivo na construção destas identidades, pois o olhar atento nos permite inferir que as práticas de significação têm produzido significados/sentido que envolvem as relações de poder, incluindo o poder de quem é excluído ou incluído.

### **Racismo**

O racismo é um tema complexo e que está apoiado na ideia de raça e que tanto se compreende como afirmação da identidade, como de segregação do outro. Ou como nos sinaliza Achille Mbembe:

Só nos é possível falar de raça (ou de racismo), numa linguagem totalmente imperfeita, dúbia, diria até desadequada. Por ora, bastará dizer que é uma forma de representação primária. Não sabendo de todo distinguir entre o que está dentro e o que está fora, os invólucros e os conteúdos, ela remete, antes de mais, para os simulacros de superfície (MBEMBE, 2018, p. 25).

Este olhar forjado nas vidas negras para o Mbembe “trata-se de uma representação primária”, pois a raça é “um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbação do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes” (MBEMBE, 2018, p. 26). O racismo é um processo de construção de subjetividades, cuja consciência de suas existências está ligada às práticas sociais. O racismo produz explicações racionais para a desigualdade e sobrevive em um mundo de exclusão entre brancos e não-brancos, pois o racismo é uma ideologia que molda o inconsciente.

Pessoas racializadas são formadas por condições estruturais e institucionais. Nesse sentido, podemos dizer que é racismo que cria a raça e os sujeitos (...) O

racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo o momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional (ALMEIDA, 2018, p. 50).

Diante deste olhar podemos inferir que a mídia é responsável por criar um imaginário social que não corresponde à realidade, o que não quer dizer que a representação apresentada não faça parte do imaginário social geral, e que cerceia os negros na medida em que é um imaginário criado para estabelecer a diferença entre brancos e negros. Um imaginário que possibilita que se determine lugares possíveis e impossíveis de serem ocupados, funções que podem ou não ser exercidas, papéis que são ou não permitidos. Sabe-se que uma pessoa não nasce com a consciência da cor da sua pele, mas torna-se consciente quando se conecta a uma rede de sentidos e compartilha tais representações coletivamente, pois a cultura da apartação está nas ruas e são práticas trabalhadas exaustivamente no nosso cotidiano.

A permanência do racismo exige, em primeiro lugar, a criação e recriação de um imaginário social em que determinadas características biológicas ou práticas culturais sejam associadas à raça e, em segundo lugar, que a desigualdade social seja naturalmente atribuída à identidade racial dos indivíduos ou, de outro modo, que a sociedade se torne indiferente ao modo com que determinados grupos raciais detêm privilégios (ALMEIDA, 2018, p. 57).

É neste universo de aceitação da ideia do racismo que pode-se desconstruir o próprio racismo. É na percepção que ele se esconde nos mais diversos ambientes que se constata a necessidade de combater a construção de imaginários e afetos que excluem pessoas, não importa a cor, o gênero ou a etnia.

### **Negro, *Em Pauta***

A cobertura dos fatos é legitimada pelo uso de imagens, pela apresentação, a ubiquidade, pelos recursos de edição e montagem, pelos enquadramentos de câmera e pelas entradas ao vivo, construindo assim autenticidade diante da audiência. O programa especial *Em Pauta*, com a presença dos negros, vamos observar a fala das comentaristas (o), a estética negra na tela e o que eles podem representar.

Logo de início, o apresentador e jornalista Heraldo Pereira destacou que o painel de comentaristas era somente composto por mulheres. Antes mesmo de chamar o deba-

te, Pereira pediu para que cada uma das jornalistas comentasse sobre a experiência pessoal de racismo no Brasil. Todos os depoimentos mencionam situações de constrangimento, exclusão e principalmente de afirmação e orgulho de ser negro como a dita por Flávia Oliveira: “uma alegria adentrar o terreiro do *Em Pauta*”, fala que carrega a menção do local onde ocorrem as reuniões dos devotos do Candomblé e diz respeito a sua crença pessoal. A jornalista Zileide Silva relatou o desprezo que uma secretária da diretoria da Fiesp (Federação das indústrias do Estado de São Paulo) quando a viu e disse que não se intimidou, “não dá jamais para baixar a cabeça, em nenhum momento, em nenhuma hipótese. ” Já jornalista Lilian Ribeiro, do Rio de Janeiro, destacou que a experiência de racismo no Brasil “está no olhar de quem não nos vê ou nos vê em determinados lugares”, por isso a repórter confessa que sempre usa o microfone em punho para “provar” que ela é a repórter. Depois foi a vez de Maria Júlia Coutinho, que lembrou situações de racismo na infância na infância e adolescência. Por fim, a jornalista Aline Midlej encerrou a rodada de depoimentos declarando que uma vez foi convidada a ser repórter, mas desistiu de trabalhar em uma emissora depois que o diretor pediu para que ela mudasse o cabelo. Midlej também alertou:

Ainda que estejamos sendo pautados por uma demanda de fora (com relação ao programa que estavam fazendo), esta é mais uma oportunidade para falar do racismo que mata e asfixia as pessoas (...) O racismo mata, tira nosso ar, nosso oxigênio (...) O racismo tira a nossa autoconfiança, tira oportunidades, nos causa medo. O racismo no Brasil não é velado, está escancarado (MIDLEJ, 2020).

A característica da narrativa pessoal dos colunistas exposta logo no início do *Em Pauta* foi colocada ao longo de todo o programa. Suas perspectivas das coberturas americanas e nacionais, os apontamentos do que foi bom ou ruim, do retrocesso eleição de Trump, do que é moral ou imoral diante do racismo, apropriado ou inapropriado refletem que as jornalistas foram os produtores de cultura. O tipo de narrativa elaborada pelo programa partiu da premissa da identificação do telespectador afrodescendente em primeiro lugar, pois as vivências revelaram práticas pessoais e profissionais de ver o racismo. Assim, a narrativa opinativa da televisão a cabo permitiu fugir do ideal de objetividade do padrão Globo de Qualidade, imposto pela televisão aberta.

Outro aspecto importante foram as experiências profissionais de cada um dos convidados. Podemos apontar que as jornalistas negras convidadas têm uma carreira de sucessivos reconhecimentos. Aline Midlej já ganhou um prêmio Vladimir Herzog em 2007 na categoria de melhor reportagem de TV com a série sobre o Dia Internacional da Mulher e até o presente momento estava ancorando o Jornal das Dez, na *Globo News*. Zileide Silva já foi correspondente internacional em Nova York e se destaca na cobertura de política e economia. Lilian Ribeiro fez parte da primeira turma da política de cotas na UERJ e hoje é apresentadora na Globo News no Rio de Janeiro. Maria Júlia Coutinho apresenta o Jornal Hoje e é radialista, foi vítima de comentários racistas que repercutiram nas redes sociais em 2015. Flavia Oliveira é uma jornalista premiada, colunista do jornal *O Globo* e da *Globo News*, se destacou nas coberturas econômicas. E por fim, Heraldo Pereira jornalista de política há quase 40 anos.

Raymond Williams (1997) nos desperta para o fato de que o jornalismo é uma forma cultural e que está sujeito a variações de acordo com o contexto em que está inserido. Para Williams, a cultura está sempre em transformação e o jornalismo está em diálogo constante com a sociedade que o consome. Destarte, o jornalismo ressignifica suas premissas diante das mudanças socioculturais, das transformações políticas, das inovações tecnológicas e da própria demanda da audiência. Neste caso, programa *Em Pauta*, da Globo News, houve uma mudança no quadro de colunistas e de apresentador muito por causa da pressão exercida pelas redes sociais, foi uma demanda externa que alterou a estética e uma narrativa branca. Mesmo que momentânea, esta adaptação aos novos contextos não alterou os valores básicos do jornalismo e da sua relação com a vida real, com a veracidade, pelo contrário, a presença de negro na tela atualizou o jornalismo.

Do ponto de vista cênico, as jornalistas foram colocadas em suas redações ou escritórios pessoais, um espaço de legitimação que agrega sentido de autoridade. Outro aspecto relevante foi o cabelo, ele é visto como um símbolo de uma consciência estética da beleza negra.

Definido por muitos como “a moldura do rosto”, o cabelo pode dar informações sobre as origens, pertencimento a grupos sociais e hábitos de uma pessoa, aproximando ou afastando indivíduos enquanto elementos de identidade corpo-

ral. Eles possuem uma grande capacidade de expressão simbólica vinculados a um contexto sociocultural (KING, 2015, p. 8).

Na tela, elas exibiram diferentes modos de usar o cabelo. Alguns estavam presos, outros como Maria Júlia Coutinho exibiam uma faixa com desenhos geométricos valorizando a cultura afro-brasileira. Já Zileide Silva e Lilian Ribeiro tinham seus cabelos soltos. Sabe-se que a construção da identidade negra em algumas situações passa pelo processo de “transição capilar” e este é um posicionamento político e de empoderamento, principalmente no que diz respeito a ressignificação de suas identidades como mulheres negras. A capacidade simbólica deste ato político foi destacada por Aline Midlej quando pontou que orgulho negro está pautando o mercado consumidor na produção de produtos exclusivos para as mulheres negras.

### **Considerações Finais**

O programa *Em Pauta*, da *Globo News*, foi a brecha dada experiências estéticas e temáticas. Ele abre uma brecha para partilhar um produto cultural com construções simbólicas do domínio da resistência negra. Assim, as experiências individuais de superação das dificuldades e o olhar pessoal de quem vive a exclusão merecem destaque, pois dizem respeito a vivências de sujeitos ditos comuns e assim constrói-se um outro universo de representações para que a sociedade pense em valorar o negro nos diversos espaços. A televisão se alicerça por um sistema de repetições de padrões e estética, este padrão tem sido responsável por produzir sentidos e manter ideologias. Se boa parte da sociedade vê o negro em posições subalternas e a mídia é majoritariamente branca, logo podemos considerar que a perpetuação do racismo e da exclusão social se mantém diante e um imaginário branco.

Porém, as observações lançadas aqui apontam para um horizonte em transformação. A modernidade trouxe com ela a crise de identidades, uma ruptura das antigas estruturas sociais e transformações globais tensionando a visualização do que até agora vivia à margem, mesmo sendo maioria. O que podemos apontar neste artigo é que vivemos um momento germinal em que sociedade contemporânea, atravessada pelas lutas

e manifestações antirracismo, tem acenado não para reparar o passado, mas transformá-lo diante do ser, da essência humana, pois não basta existir é preciso “ser”. O programa jornalístico *Em Pauta*, da *Globo News* acompanhou os anseios da sociedade mesmo que pressionado. Neste caso, saíram os jornalistas brancos e entraram em cena os jornalistas negros, um jogo de identidade que, por enquanto, os “sem-parte”, como nomeia o filósofo Jaques Rancière (2018, p. 135), tiveram a voz partilhada.

## Referências

- ALMEIDA, Sílvio. Racismo e Ideologia. In: **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Letramento, 2018.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem: discurso e ciência.** São Paulo: Moderna, 1998.
- BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas políticas do trabalho jornalístico em 2012.** Florianópolis: Insular, 2013.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes/Volume 1.** São Paulo: Ática, 1978.
- FERREIRA, Soraya Maria. **Existe qualidade na repetição televisual?** XXIV – Congresso Brasileiro de Comunicação (INTERCOM). Campo Grande, Setembro 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/157461857298087720309836200479420202434.pdf>> Acesso em 2 ago 2020.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2009
- \_\_\_\_\_, A. **The Consequencies of Modernity.** Cambridge: Polity, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós- modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraci Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019, 12ª edição, 2ª reimpressão.
- \_\_\_\_\_, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Liv Sovik (org.) Trad. Adeline La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- KING, Ananda Melo. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças.** Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/> Acesso em: 2 ago. 2020.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MIDDLEJ, Aline. Em Pauta. São Paulo: Globo News, 3 jun. 2020. Programa de debates jornalístico. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/playlist/jornalistas-debatem-racismo-no-em-pauta.ghtml>> Acesso em: 20 jun 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento.** Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 2008.
- ROBINS, K. **Tradition and Translation: national culture in its global contexto.** In: CORNER, J. & HARVEY, S. (orgs). *Enterprise and Heritage: crosscurrents of national culture.* Londres: Routledge.

SCHUDSON, M. **News as stories**. In: ROTHENBUHLER, E.; COMAN, M. (Org.). Media Anthropology. Londres: Sage, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A máquina de Narciso**; Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

VIZEU, Alfredo, CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo**: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo. A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **The technology and the society**. In: Television. Technology and cultural form, 2a, London: Routledge, 1997

WOODWARD, Kathryn; **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença, a perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, 15 edição, 6ª reimpressão.